

## ÁFRICA: OBJETO DA HISTÓRIA, SUJEITO NAS ARTES.

*Ricardo Alexandre Rodrigues<sup>1</sup>*

*“Se queres saber de tudo  
De tudo saberás  
Sou índio de sangue latino  
Sou negro dos canaviais”*

[**Recôncavo**. Márcio Valverde – Chico porto]

**RESUMO:** Sempre falamos sobre África, destacando aquilo que nos impressiona ou nos comove, ao mesmo tempo em que preferimos esquecer o que foge dos padrões de normalidade. O continente nos foi apresentado como objeto do discurso da história, sem nunca figurar o papel de sujeito. Falamos de África, mas não ouvimos suas vozes, o que ela tem a nos contar por meio de narrativas, cantos, esculturas, pinturas, religiões...

Está no horizonte desta comunicação contemplar a expressividade da cultura africana por meio da influência que exerce sobre as manifestações artístico-culturais da sociedade brasileira, onde a voz africana dos negros que aqui chegaram como escravos ecoa nos gestos cotidianos, nas artes, no imaginário... Propõe-se aqui atentar para o murmúrio de vozes; o burburinho melodioso que nos contam histórias que a história não quis ouvir.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura afro-brasileira; estética; semiologia.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Poética e Mestre em Semiologia pela Faculdade de Letras da UFRJ.

## VOZES DE ÁFRICA E SUBJETIVIDADES AFRICANAS

*“É preciso olhar tudo de novo, de vagar”. (Bosi, 1999, p.7)*

Desde a época das longas viagens que proporcionaram encontros culturais, África nunca foi esquecida. Sempre apareceu na história como objeto de estudo, assim como também foi objeto da ganância e da avareza humana. Sempre falamos sobre África, destacando aquilo que nos impressiona ou nos comove, ao mesmo tempo em que preferimos esquecer o que foge dos nossos padrões de normalidade. O continente nos foi apresentado como objeto do discurso da história, sem nunca figurar o papel de sujeito. Falamos de África, mas não ouvimos suas vozes, o que ela tem a nos contar por meio de narrativas, cantos, esculturas, pinturas, religiões... África fala, canta, dança, sussurra, é rica em expressões que ecoam em cada canto do mundo. Somos nós quem não queremos perceber, cegos em nossas verdades e convicções.

Aos que embarcaram forçadamente no navio e atravessaram o atlântico, ainda foi imposta uma condição: o esquecimento de seus sonhos, valores, crenças; o abandono da identidade, da vida anterior à viagem. Logo que aqui chegaram, foram proibidos de abrir as malas e contemplar a bagagem, reviver suas referências culturais, de modo que a única origem da qual se pode falar agora não é nem mesmo África. É a diáspora, a fratura da identidade. Os negros trazidos na condição de escravo foram paridos pelo ventre de um navio negreiro.

Durante muitos anos, o conteúdo dessas malas foram silenciados, aprisionados em seu interior. Mas por emendas descosturadas vazaram e se misturaram rapidamente com outras práticas e costumes trazidos para essa terra, formando um mosaico cultural, cujo esplendor está na grande variedade dos

fragmentos usados para compor imagens intrigantes. O contraste cultural está na definição de brasilidade e aparece como temática de festas populares e nos modos de compor. O caráter híbrido de nossa cultura possibilita a livre combinação de elementos e, assim, resulta num produto inusitado e singular.

Sem dúvida, não há acesso verdadeiro à subjetividade sem abrir as malas de quem veio, ou seja, não é possível compreender o modo como um grupo vive e se relaciona com e no mundo se não soubermos da vida pregressa, das histórias e dos sonhos, das tragédias ou das agonias. O que trazem são traços de tradições africanas sustentadas na oralidade. Remetem às culturas ágrafas, anteriores à colonização, que têm a fala melodiosa, rica em combinações sonoras e espontaneidade traduzida na fisionomia e nos gestos, como estratégia para lapidar a memória. Diante de tal lembrança não é difícil tecer comparações com a fala ritmada e gestualizada da língua portuguesa falada no Brasil.

Nessa linha de pensamento, podemos notar que o tema de nossa conversa não é África, mas o que ela pode nos ajudar a compreender sobre a formação da cultura brasileira que, durante muito tempo, se confundiu com narrativas que contemplam a vida e grandes feitos dos chefes de Estado, políticos e artistas influentes, ou ainda registro de construção e realização de importantes obras. São acontecimentos, atitudes, exemplos de vida que faz nascer o sentimento de patriotismo e constrói o que chamamos de imaginário popular. No entanto, um olhar mais atento acusa a falta de *outros* personagens, tão participativos e tão importantes para formação de nossa cultura. *Quem são? De onde vieram? O que fizeram?* Perguntas cujas respostas não aparecem no texto da História convencional.

Por efeito dessas provocações, somos velados a repensar a história de nossa cultura. Quando rascunhos de uma resposta começam aparecer, percebemos que tudo aquilo contado como oficial é composto de acontecimentos selecionados, cacos de histórias, para montar uma versão dos acontecimentos que será contada por todos, mas que beneficia os vencedores ou aqueles que estão no poder.

Isso nos faz pensar que o mundo tal como o concebemos é uma invenção humana que se dá a partir dos modos como organizamos e marcamos nossos referenciais de tempo e espaço. O que nos leva a pensar em outras possibilidades de arrumação, como a das artes, vislumbrando outras formas de se relacionar e estar no mundo.

Como falar de uma África ainda desconhecida entre nós, já que os registros existentes foram produzidos e motivados pelo espanto de quem chega ao continente e tinha como referência outros valores culturais? Eis que a arte, por apresentar possibilidades de interagir com o mundo, oferece uma oportunidade de contemplar outros modos de pensar e de se organizar uma sociedade.

Em vez de “**Falar sobre arte africana**”, pode ser mais enriquecedor no estudo de culturas afro-brasileiras “**falar pela arte africana**”. Essas duas expressões revelam posicionamentos distintos perante manifestações artísticas africanas. Na expressão “Falar sobre arte”, fica clara a existência de um sujeito que se refere a um objeto (arte africana). Entre um e outro se coloca um distanciamento. A arte africana aparece como assunto ou objeto que é manipulado no discurso. Na segunda proposta, “falar pela arte”, ao contrário da primeira, a arte africana surge como sujeito que conta histórias de um povo.

O trabalho estético realizado sobre um objeto deixa impressas marcas que identificam as maneiras de interpretar o mundo e organizar as informações sensoriais captadas. Faz parte do conjunto de característica de uma sociedade tanto a maneira como dispõe objetos e combina cores, quanto a reação de quem observa as composições propostas. Assim, perceber cada objeto ou gesto como integrante de uma composição cultural, onde desempenham funções específicas, ajuda evitar avaliações premeditadas e preconceituosas.

A arte africana apresenta estreita relação com os gestos cotidianos e utiliza materiais como cerâmica, palha, fibras, tecidos e cipó para criar peças rústicas de forte impacto visual. Cada objeto é ornado com formas bem definidas e o predomínio de cores primárias, variando conforme sua utilidade: comemorar os ancestrais, cultuar as forças naturais, invocar forças vitais, propiciar boas colheitas, até objetos em geral que acompanham os ritos, as danças e as cerimônias religiosas.

Durante muito tempo, as artes africanas foram admiradas pelas sociedades europeizadas sob o signo do exótico e do místico. Descontextualizadas, faziam parte de um conjunto de peças decorativas. A produção e confecção de objetos usados no cotidiano das sociedades africanas, decorados, coloridos, entalhados... ganham então, sob os olhos das sociedades capitalistas, o conceito de arte. O conjunto desses artefatos aparece catalogado em enciclopédias e livros técnicos como “arte africana”. No entanto, parece haver um desacordo no emprego do termo arte para designar aquelas manifestações criativas. O pensamento acadêmico sobre arte assinala o seu valor estético, atingido após a perda da funcionalidade.

Nesse modo de pensar cabe uma pergunta: em África também se considera arte o que é recepcionado como tal no cenário cultural europeu? Encaminha-se para uma resposta ao lembrar que chamamos de arte o trabalho estético com cores e formas combinadas para (re)pensar o mundo em suas várias formas de acontecer, mostrando que ele pode ser muito mais do que nos foi apresentado. Nesse sentido, é pertinente o emprego da palavra/conceito arte para designar as manifestações culturais de África.

No entanto, o conjunto de obras de arte africanas perde o sentido quando dissociados da religião e do social, transfigurando-se em objetos de ornamentação cuja manutenção está no carácter exótico. O aparecimento das artes africanas no cenário cultural europeu foi sobre tudo uma projeção dos valores ocidentais, como podemos conferir no termo “primitivismo”, usado por artistas que procuraram nas manifestações africanas aquilo que estavam acostumados a ver, mas não encontraram.

Os estudos sobre as culturas africanas foram desestimulados pelo pensamento científico do século XIX. Teve grande impacto sobre as sociedades africanas a teoria darwinista da evolução das espécies. Durante muito tempo, estudos culturais sobre as comunidades negras ficaram esquecidos e desprestigiados. No Brasil, a situação de abandono só começaria mudar nas primeiras décadas do século XX, quando a agitação do espírito inovador, que caracterizou o movimento cultural Modernista, propõe repensar a brasilidade, destacando os pilares de nossa formação cultural para traçar um perfil do brasileiro. Ao reforçar o hibridismo de culturas que dá origem à nossa nação, ganham destaque nas expressões artísticas desse movimento a presença do

negro e as referências às culturas africanas. A partir daí intensificam-se os estudos sobre as culturas de origem africana com o esforço para afirmação de sua influência na construção da sociedade brasileira. Conseqüência disso é o rico acervo de produções artísticas que valorizam o trabalho físico e intelectual daqueles que não foram citados nos documentos da história oficial. “Moço não se esqueça de que o negro também construiu as riquezas do nosso Brasil”.

Nos versos do samba enredo da tradicional escola de samba do Rio de Janeiro, Estação Primeira de Mangueira, composto por Hélio Turco, Jurandir e Alvinho para homenagear os 100 anos de abolição da escravatura, existe um apelo em forma de valorização da cultura negra que também participou do processo de construção de nossa cultura. Parece que a música (por seu caráter universal e envolvente) foi escolhida como veículo de divulgação das ações afirmativas da presença do negro em nossa sociedade, em especial o samba enquanto gênero musical com evidentes referências às culturas africanas. Muitas são as composições que se incluem nesse propósito.

No período de escravidão, para negros africanos escravizados e seus descendentes, as práticas religiosas firmaram-se como referências dos tempos anteriores ao tráfico negreiro, como a estrutura social refletida na figura do chefe familiar, responsável por zelar pelo cumprimento das regras e aplicações de sanções. Os problemas que enfrentavam na sociedade escravista eram outros, mas o modo de tratá-los ainda era muito parecido com o de seus antepassados. A religião foi, então, um ponto de onde africanos escravizados em terra estranha partiram para construir novas relações com o mundo. Por esse motivo, estudar os ritos religiosos praticados por negros escravizados contribui para apreciar as

culturas africanas sem interferência ou mediações que podem ocultar ou deformar informações.

Ainda existe uma resistência muito grande quando se propõe estudar ou falar sobre religiões de matrizes africanas. Pode ser que os obstáculos aplicados aos estudos de religiosidades africanas estejam relacionados ao pensamento religioso de uma sociedade pautada no regime escravocrata, que buscava justificar sua manutenção por meio do processo de inferiorização do outro. Era usada como estratégia de dominação o esfacelamento da auto-estima daqueles que seriam subjugados.

Para pensadores como Montaigne, a auto-estima é volátil como o vento porque depende do olhar de terceiros. Sendo assim, pode gerar uma insatisfação voraz ou uma grande alegria e deleite que transformam qualquer ser humano num escravo da atenção ou crítica do olhar alheio. Durante muito tempo, depreciadas e apontadas como manifestações inferiores, perseguidas pela polícia, as religiões de matrizes africanas realizavam suas celebrações nos fundos dos quintais e em lugares mais afastados. Cautela, prudência, resguardo eram recursos usados para fugir do olhar recriminador.

Os ritos religiosos de origem africana ajudam a entender o modo de perceber e se relacionar com o mundo. Mais do que uma fé, as religiões praticadas em África antes da colonização reservavam uma integração em todas as ações do dia-a-dia.

*Quase tudo era explicado e resolvido por forças sobrenaturais, manipuladas por curandeiros, adivinhos, médiuns e sacerdotes, que foram chamados de feiticeiros pelos portugueses que primeiro chegaram à África. Estes guiados pelo ponto de vista e usando seu vocabulário, chamaram de feitiço as práticas mágico-religiosas que viam os africanos fazer. [Souza, 2006, p.44]*



Quando nos ocupamos de estudar as culturas brasileiras, fica evidente em vários momentos a presença africana. Para explicar tal influência recorre-se comumente às teorias da história sobre a colonização do continente americano pelos povos europeus e da exploração do tráfico negreiro. No entanto, os laços estreitos entre Brasil e África, de tão fortes, parecem ser anteriores a esse acontecimento. Estudos geológicos nos oferecem outras explicações com a teoria da fissuração do bloco original, Pangéia, a partir do qual se originaram os continentes. Um olhar atento sobre as costas africana e brasileira agita a imaginação onde se inicia o movimento de aproximação e encaixamento entre os continentes. Pensando no que foi dito, parece que, de uma maneira agressiva e abrutalhada, no traçado das rotas marítimas feitas pelas embarcações que faziam a travessia pelo atlântico se desenhavam cordas entrelaçadas, (mesmo sem ter consciência disto) como se houvesse a intenção de unir, juntar dois lados.

Eis que estudar as relações culturais entre o continente africano e a subjetividade brasileira vai além da catalogação de comidas e bebidas, danças, religiões... traços típicos das culturas africanas anteriores à diáspora. Pode ser mais enriquecedor refletir sobre como esses traços foram incorporados ao cotidiano de nossas ações, a ponto de causar surpresa quando são apontados como elementos estrangeiros. Pois, há muito tempo deixaram de ser estrangeiros para ocupar um lugar entre culturas.

## **BIBLIOGRAFIA**

BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOSI, Alfredo. "Plural, mas não caótico". In: *Culturas Brasileiras*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

COSTA e SILVA, Alberto da. *A enxada e a lança, a África antes dos portugueses*. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.

FROBENIUS, Leo & FOX, Douglas. *A gênese africana. Contos, Mitos e Lendas da África*. São Paulo: Landy Editora, 2005.

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil Africano*. São Paulo: Editora Ática, 2006.